



As Bibliotecas Escolares na era digital: que desafios?

School media libraries in the digital age: what are the challenges?

Natividade Santos

Escola Básica e Secundária À Beira Douro
CIIE – Centro de Investigação e Intervenção Educativas
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto
snatividade@gmail.com

Fernando Rodrigues Silva

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Lisboa
Centro de estudos interdisciplinares em Educação e Desenvolvimento (CeIED)
fernandomfrsilv@gmail.com

Paula Quadros-Flores

Instituto Politécnico do Porto, Escola Superior de Educação
paulaqflores@ese.ipp.pt

Resumo:

Vivemos uma era que exige mudanças no modo de comunicar, de relacionar e de estar no mundo. Uma era que nos conecta e disponibiliza um manancial de possibilidades gratuitas que permitem ao utilizador da Internet ser um consumidor e um produtor, integrar redes de aprendizagem e aceder a informações relevantes na vida de qualquer cidadão. As bibliotecas escolares estão atentas a esta realidade, mas como respondem a tal desafio? Este artigo analisa páginas online de bibliotecas escolares na região metropolitana do Porto. Foram adotados parâmetros adaptados de Cremades Garcia e Jiménez García (2013) para compreender o dinamismo das bibliotecas escolares online. Os resultados mostram que a resposta das Bibliotecas Escolares (BE) tem em conta o seu público alvo, pelo que existe uma correlação positiva aparente entre a tipologia de escola (Básica, Secundária e Básica e Secundária) e o modo como estas desenham as suas páginas Web. Porém, ainda se encontram num processo de transformação para responder às exigências atuais, pois são mais espaços repositórios e menos espaços de construção pelos utilizadores, pelo que se levantam questões e se propõem orientações de modo a contribuir para esta fonte de mudanças que envolve a educação em geral.

Palavras-chave: bibliotecas escolares online; ambientes construtivistas de aprendizagem; redes de aprendizagem



Abstract:

We live in an era which requires changes in the way we communicate, establish relationships and live in the world. An era that connects us and offers a multitude of free possibilities that allows the Internet user to be a consumer and a producer, to integrate learning networks and to access relevant information in the life of every citizen. School libraries are aware of this reality, but how do they respond to such a challenge? This article examines online pages of school media libraries in the Porto metropolitan area. To understand the online dynamics of school libraries, adapted parameters from the authors Cremades Garcia and Jiménez García (2013) were adopted. The results show that the school media libraries response takes the target audience into account so there is a positive correlation between the apparent type of school (primary, elementary and high school) and how they draw their Web pages. However, they are still in a transformation process in order to respond to the actual requirements, because they are mainly considered to be user repository places rather than user building ones. Thus, questions and leading guidelines are proposed in order to contribute to these changes that involve education in general.

Keywords: school media libraries; constructivist learning environments; learning networks

Résumé:

Nous vivons dans une époque qui exige des changements dans la manière de communiquer, de se faire des contacts, et de se positionner dans le monde. Une époque qui nous met en liaison et nous offre une multitude de possibilités gratuites qui nous permettent, en tant qu'internautes, d'être des consommateurs et des producteurs, d'intégrer des réseaux d'apprentissage et d'avoir accès à une information pertinente. Les bibliothèques scolaires sont conscientes de cette réalité, mais comment répondent-elles à ce défi ? Cet article examine les sites Web des bibliothèques scolaires de l'agglomération de Porto. Nous avons utilisé des paramètres de Cremades Garcia et Jiménez García (2013) pour comprendre le dynamisme de ces bibliothèques scolaires en ligne. Les résultats montrent qu'elles prennent en compte leur public, donc qu'il y a une corrélation positive entre le type d'établissement scolaire (primaire, collège et lycée) et la façon dont les bibliothèques conçoivent leurs sites Web. Cependant, ceux-ci se trouvent dans un processus de transformation visant répondre aux exigences actuelles, car ils sont plutôt des répertoires que des espaces de construction par les utilisateurs. Nous abordons donc ce problème et nous proposons des lignes directrices vers des changements qui concernent l'éducation en général.

Mots-clés: bibliothèques scolaires en ligne; espaces constructivistes d'apprentissage; réseaux d'apprentissage

Introdução

Compreender as mudanças na educação passa também por um olhar sobre o aparecimento das BE online e a sua evolução nestes últimos tempos para entender a sua missão na sociedade do conhecimento e digital, uma sociedade que releva a rede como espaço de aprendizagem



e alavanca um novo paradigma construtivista cujo enfoque centra o utilizador e o seu processo de aprendizagem. Assim, a era digital desafia as BE online para mudanças significativas na disponibilidade, na organização, na potencialidade de produção e criação, na promoção de redes de aprendizagem, nas atitudes face ao conhecimento e aos outros. Este desafio transforma os modos de ensinar e de aprender, personaliza o ensino e alinha a educação num novo tempo que exige outras competências inerentes ao século XXI, mas também novas estratégias no plano comunicacional e transformador. Assim, sendo atualmente as BE online fundamentais no processo de aprendizagem dos estudantes, este estudo pretendeu compreender o modo como estas respondem ao desafio da era digital, pelo que foram observadas todas as bibliotecas online de três concelhos da região do Porto (num total de 81). Deste modo pretendemos contribuir para um novo impulso destes espaços na vida dos seus utilizadores.

Contextualização teórica

Lidamos cada vez mais, no nosso dia-a-dia, com uma multiplicidade de factos relacionados e entrelaçados, por vezes antagónicos, complexos e globais, fruto da evolução tecnológica, pelo que, segundo Beck (1999, p. 199), a “vida dos indivíduos deixou de ser uma vida presa a um lugar, uma vida de residência estabelecida”, retomando um nomadismo resultado de uma vida *para viagem*, pelos meios de comunicação e de transporte emergentes que reconfiguram o tempo e o espaço. Assim, o uso crescente e inovador das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), nomeadamente da Internet, na vida quotidiana de um número cada vez maior de pessoas, a fim de se informar, de trabalhar, de divertir e de interagir, tem revolucionado a forma de convivência social e cultural, o modo de viver a vida e o trabalho, de aceder à informação e de construir o conhecimento, o significado das coisas, do tempo e do espaço. Sentem-se frequentemente as alterações bruscas, fruto da globalização, na forma de criação, sistematização, controlo e gestão do conhecimento e das relações, fomentando a emergência de novos saberes e de novas abordagens para com os “velhos” saberes, possibilitando novas janelas de oportunidade para uma nova visão do mundo e modos de estar, de fazer, de sentir e de ser, que constituem pontos de crescimento, de desenvolvimento e de construção do “Eu” individual e coletivo.

A informação fácil, ao impulso de um clique e do desejo pelo saber, tornou a leitura “multimodal e hipertextual” (Conde, L., Mendinhos, I., Correia, P., & Martins, R., 2012), para uns mais “fragmentada, superficial e multissensorial” (Idem) e para outros que dizem ser mais evidente o ato social, onde a “interatividade dinâmica da leitura com a escrita, a oralidade e a imagem têm cada vez maior relevância” (Idem). Neste contexto, é de relevar alterações no processamento intelectual, influenciando diretamente as capacidades individuais de representação das pessoas, modificando mesmo de forma abrupta a construção das suas próprias identidades, os seus desejos e motivações. Este cenário impõe mudanças na área da educação e, no campo específico da biblioteca escolar, colocam-se cada vez mais desafios formativos e pedagógicos, decorrentes da necessidade de uma alfabetização múltipla no sentido de responder às exigências sociais da atualidade, impondo novos modos de viver a cultura literária, a leitura e a escrita.

O avanço das TIC tem contribuído para tornar as BE em centros de informação e de cultura mais alargada, onde são trabalhadas as diversas literacias e se promove a construção do



conhecimento e o desenvolvimento intelectual dos alunos de forma diferente. Segundo Conde et al. (2012), estas viram o seu papel reforçado, já que introduzem novas oportunidades de acesso à informação, redefinem as já existentes, alterando as condições e os modelos de uso e produção do conhecimento. Neste contexto, assumem um papel relevante na mudança de representações de professores, alunos e pais sobre a importância da leitura e o modo como ela deve ser ensinada e incentivada (Alçada, 2005). Hoje, assumem um espaço ativo que, além de guardarem livros, aliciam o leitor com um centro de recursos onde coexiste uma pluralidade de fontes de informação, um espaço aberto ao conhecimento, oferecendo serviços diversificados aos utilizadores, sendo mais adequada à nossa realidade (Santos, 2010). Este espaço promove o ambiente social favorável à prática da leitura e à mudança de paradigma do processo de aprendizagem, disponibiliza recursos inclusivos e propicia experiências e recursos que despertam o prazer de ler e o desenvolvimento de literacias (Alçada, 2005.).

Segundo Maia (2006, p. 30), “no contexto escolar, a biblioteca valorizada como um espaço de construção do conhecimento e não apenas um local onde existe informação, transforma-se numa ferramenta promotora da sala de aula construtivista”, pelo que revela que as TIC, quando incluídas como recursos didáticos, são uma mais-valia que favorece a mudança de paradigma e recoloca as bibliotecas digitais num paradigma que responde aos interesses dos utilizadores, num espaço seguro e promotor de aprendizagens. Neste contexto, devem assumir-se como repositórios digitais onde poderão ser pesquisados e disponibilizados recursos diversificados (áudio, vídeo, ebooks, podcasts, ...) a qualquer momento, instituindo um instrumento que faculta aos administradores das BE gerirem e preservarem com otimização de recursos, mas também que permitem a criação e partilha de produções. Não temos dúvidas de que as TIC transformaram espaços presenciais e de silêncio, de consumo e individuais, em espaços online, sociais e em rede, de consumo e de produção, de diversão, acessíveis em qualquer espaço e tempo.

Metodologia

No sentido de recolhermos os dados necessários para a realização deste estudo, consultou-se em junho de 2017 a página online da Rede de Bibliotecas Escolares (RBE), que permitiu, de forma rápida e fácil, aceder às páginas das bibliotecas escolares de três concelhos da zona metropolitana do Porto, envolvendo as seguintes BE (A) 25, (B) 21, (C) 35, num total de 81, a seguir representadas na tabela 1

Tabela 1 - Tipo de escolas e número de BE

Concelho	Tipo de escola (número)			
	Básica	Básica/ Secundária	Secundária	Total
A	20	2	3	25
B	16	3	2	21
C	24	7	4	35
Total	60	12	9	81



Acresce que foram analisadas todas as páginas Web e *Blogues* promovidos pelas referidas BE do contexto em estudo. Esta opção deve-se ao facto de ocorrerem mudanças nos modos como as BE estão a responder à inclusão das TIC na educação e na vida social, em particular dos jovens estudantes. Foi realizada uma observação atenta sobre as BE online para recolha de informação. Neste estudo não foram contempladas 16 BE de escolas básicas (27%) e 2 de básicas e secundárias (17%), por não possuírem página Web.

Identificaram-se oito variáveis com base nas investigações de Cremades García & Jiménez Fernández (2013), respetivamente: 1) ligações que possibilitam a navegação; 2) informação sobre a biblioteca; 3) atividades de promoção da leitura; 4) materiais de apoio ao utilizador; 5) acesso ao catálogo da biblioteca; 6) serviços de informação e referência; 7) página Web da biblioteca atualizada; 8) possibilidade de interação com o utilizador.

Resultados

Na tabela 2 apresentam-se os resultados obtidos para as 81 BE online analisadas segundo os parâmetros anteriormente referidos.

Tabela 2 - Bibliotecas Escolares de três zonas metropolitanas do Porto

Categorias	Tipologia											
	Básica				Secundária				Básica/ Secundária			
	Sim	%	Não	%	Sim	%	Não	%	Sim	%	Não	%
Facilita a navegação	31	52	29	48	5	56	4	44	10	83	2	17
Informação sobre a BE	36	60	24	40	5	56	4	44	9	75	3	25
Atividades promotoras da leitura	48	80	12	20	9	100	0	0	9	75	3	25
Materiais de apoio ao utilizador	32	53	28	47	7	78	2	22	7	58	5	42
Acesso ao catálogo	19	32	41	68	3	33	6	67	8	67	4	33
Serviço de informação	24	40	36	60	5	56	4	44	7	58	5	42
Atualização da página	41	68	19	32	6	67	3	33	10	83	2	17
Interação com os utilizadores	34	57	26	43	6	67	3	33	8	67	4	33



1. Ligações que possibilitam a navegação e informações sobre a BE.

Os dados coligidos nesta variável revelam que embora a maioria das bibliotecas facilitem a navegação e informem os seus utilizadores, são as BE de agrupamentos de escolas que contemplam o ensino básico e secundário as que mais se destacam nestes parâmetros. Eventualmente por cobrirem um público mais heterogéneo de utilizadores que recorrem mais frequentemente a separadores de acesso das escolas incluídos no sítio Web, pertencentes ao agrupamento. A variável caracteriza-se por oferecer ligações na primeira página bem etiquetadas através de enlaces hipertextuais claramente identificados, por forma a que a navegação no sítio Web se processe facilmente no sentido de apoiar os utilizadores nas suas buscas e no currículo.

Estas variáveis revelam que as BE estão atentas às necessidades dos seus utilizadores, constituindo um serviço de apoio essencial para impulsionar a mudança na educação e para formar o aluno no uso da biblioteca com fins diversos, nomeadamente recreativos, informativos e de educação contínua. Consideramos que o sítio da biblioteca deve disponibilizar a informação necessária sobre o serviço aos utilizadores reais e potenciais, a fim de orientar e acolher o utilizador: planta da biblioteca, horário, equipa, contactos, normativos como o regulamento e regimento. Deve, ainda, assumir uma política de gestão da coleção e missão, contemplar o guião de utilizador, a descrição dos seus serviços e recursos, assim como o acesso aos mesmos sem que seja necessário recorrer à biblioteca presencialmente. Constatou-se que nem todos os sítios Web consultados apresentam informações sobre a biblioteca: na generalidade exibem dados sobre o horário e alguns sobre a equipa e contactos. Muito poucas são as que disponibilizam fotografias do espaço e ou vídeos de visitas guiadas à Biblioteca.

2. Atividades de promoção da leitura

Os dados recolhidos nesta variável atestam o contributo positivo que a promoção da leitura escolar presta aos seus utilizadores. Os valores são todos muito relevantes para qualquer tipo de agrupamento de escolas; porém, nesta dimensão destacam-se as BE dos agrupamentos de escolas de tipologia única: Básica e Secundária. Tal facto deve-se eventualmente ao grau de recorrência de utilização que aos alunos deste nível de ensino é exigido e que os serviços das BE podem prestar no apoio ao seu processo de ensino-aprendizagem.

A variável contempla estratégias que servem para garantir hábitos de leitura: listas de livros recomendados no Plano Nacional de Leitura; *books reviews*; informação sobre programas de leitura, como, por exemplo, "voluntários de leitura", vinda de um escritor à biblioteca escolar, hora do conto, feira do livro... Com a leitura na biblioteca escolar desenvolve-se a criatividade e a imaginação dos alunos, alargam-se horizontes formando os utilizadores (Coronas, 2000). As atividades de promoção da leitura difundidas a partir do sítio da biblioteca escolar servem para dar a conhecer o fundo documental, apelar para a leitura das novidades, estimulando os alunos para a literatura e despertar a curiosidade de utilizadores reais e potenciais.

De um modo geral, constatou-se que as BE dão enfoque nas suas páginas online à divulgação de atividades já realizadas, evidenciando todo o trabalho por elas desenvolvido. As informações



veiculadas são relevantes para o aluno, também importantes para a comunidade educativa: eventos, concursos, escritor do mês, visitas de personalidades, programa da semana da leitura, comemorações de dias festivos, exposições de trabalhos de alunos, etc. Neste contexto, parece-nos que a interface Web funciona como um portefólio digital de atividades realizadas e a literacia da leitura promovida pelos blogues, com alguma frequência através de hiperligações para *sites*, estimula o desenvolvimento de competências num cenário multimodal que envolve o aluno nas diferentes formas de ler, escrever e comunicar, potenciando fortes aprendizagens no domínio da leitura e da escrita, mas também da reflexão crítica, da compreensão, construção criativa de conhecimento e possibilidades de aplicação num ciclo de transformação que assegura o desenvolvimento holístico do aluno. Apresentam-se alguns exemplos mais significativos: Biblioteca Digital Mundial; a Biblioteca Europeia; a Biblioteca Digital de Camões; Rede de Bibliotecas Escolares; Plano Nacional de Leitura; Revistas (Ecologi@, Gigggle, Noesis), ou acesso a jornais online; arte no Google; contos ou fábulas (História do dia); histórias e livros para ver, ler e ouvir *Podcasts* (como o “Estudo da Raposa”) e *Vodcasts* que favorecem a leitura individual do aluno; concursos diversos (“Os caçadores do Saber”, “Concurso de Ortografia”); livros das metas curriculares disponíveis na biblioteca, testes, guiões de obras das metas, conjugador de verbos, projetos de leitura, como por exemplo o Projeto aLer+, o projeto Ler+jovem, o projeto Leituras do Oriente e do Ocidente, Ler+Mar, Ler em diferentes sotaques, Dormir mais para ler melhor, entre outros. Todos estes projetos têm como finalidade a promoção da leitura. Ainda neste âmbito, salientam-se as atividades *Bookcrossing*, ou outras para reflexão, histórias em português, poesia para quem quiser, era uma vez, trava-línguas.

Carece, porém, da possibilidade de o utilizador interagir com a BE, preenchendo, por exemplo, um formulário, criando um vídeo publicitário de um livro, ou ainda colocando um comentário sobre uma leitura que lhe tenha agrado, (re)criando um texto ou banda desenhada, suportado em software ou aplicação gratuita que facilita a partilha para aprender a construir, a comunicar e a usar a Web de forma ética, responsável e cívica. Este modo transversal de desenvolvimento de competências curriculares e não curriculares, em contexto formal e informal, potencia oportunidades aos alunos e à comunidade escolar em geral de viver um novo paradigma educacional, social e tecnológico.

3. Materiais de apoio a utilizadores

Os dados obtidos nesta variável constataam que embora a maioria das BE disponibilize materiais de apoio, são as páginas das escolas secundárias as que mais oferecem essa disponibilidade (78%). Este destaque talvez esteja relacionado com o facto de este nível de ensino apelar mais intensamente à recorrência de materiais aos quais os seus utilizadores podem aceder.

Segundo a variável, a Web da biblioteca escolar deve facultar informação relevante para apoiar o currículo e facilitar, deste modo, o trabalho dos professores. Trata-se de recursos educativos e documentos que devem responder aos pedidos e necessidades dos docentes surgidos nas diferentes áreas curriculares. Valorizam-se aqueles materiais vinculados à atividade formativa e informativa de interesse para a docência, incluem-se os periódicos e revistas; legislação; recursos bibliográficos e digitais; bases de dados de apoio à docência donde podem buscar ou adquirir documentação atualizada para realizar documentos; atividades relacionadas com projetos;



recursos impressos ou eletrónicos sobre um determinado tema; ou documentação relacionada com as habilidades para investigar e informar, realizar um trabalho escolar.

É aconselhável disponibilizar documentos, como por exemplo o Referencial Aprender com a Biblioteca Escolar, sobre literacia da leitura, dos média e da informação, devendo estes estar organizados por áreas, disciplinas, ou até por ciclos, mas também reforçamos a disponibilidade de links que estimulem o aprender a aprender fazendo, pelo que realçamos o “Aprender digital”, que disponibiliza, na dimensão “Literacia dos Media”, uma série de links catalogados de acordo com os objetivos do utilizador. A organização é essencial para evitar uma sobrecarga cognitiva e, desta forma, facilitar a navegação na página Web da biblioteca por parte dos utilizadores, mas a diversidade de potencialidades é também de considerar no novo perfil de aluno do século XXI (Oliveira-Martins, 2017).

4. Acesso ao catálogo da biblioteca

Os dados alcançados nesta variável constataam uma nítida diferença no que respeita à tipologia de escola mista ou simples, uma vez que se constata que apenas a maioria das escolas mistas (Básica e Secundária) facilitam o acesso ao catálogo da biblioteca. Talvez isto aconteça pelo facto de cobrirem um público mais heterogéneo de utilizadores que recorrem mais frequentemente aos serviços prestados pelo sítio web da BE.

Consideramos que o professor bibliotecário deve incluir no sítio Web da sua BE ligações ao catálogo da Biblioteca Municipal e da Biblioteca Nacional, e permitir o acesso a catálogos de livros digitais. Note-se que o catálogo acessível através da Web é essencial para dar a conhecer o fundo documental, facilitar a pesquisa de documentos e sua respetiva localização nas estantes, e aceder também a conteúdos digitais da BE em qualquer lugar. De referir que algumas bibliotecas apresentam listagens de recursos multimédia em formato pdf; contudo, estes não obedecem a um conjunto de registos bibliográficos organizados segundo os normativos internacionais em linguagem UNIMARC (Universal Machine Readable Cataloging), linguagem de catalogação legível por computador.

5. Serviços de informação e referência

Os dados compilados nesta variável exibem um cenário mais preocupante da parte das escolas Básicas, pois a maioria revela não recorrer aos serviços de informação e referência, talvez pelo facto de estas escolas possuírem um público-alvo mais jovem, heterogéneo, que não usa este tipo de serviço para os seus fins. Neste contexto, parece-nos que o professor bibliotecário tem um papel de mediação da informação, tendo como missão fazer o serviço de referência, levando em conta o perfil do utilizador da biblioteca. Neste sentido, deve ser conhecedor da informação que possa ser relevante e disponibilizá-la não só no espaço físico da biblioteca, como também no sítio Web, nomeadamente livros electrónicos, ligações externas às bibliotecas municipais ou nacionais ou, ainda, a organismos governamentais, como a página da Direção Geral de Educação, recursos para apoiar o currículo – quer sejam lúdicos ou meramente informativos. Se o público mais jovem



não tem acesso a este tipo de informação, ou não tem interesse, deve ser estimulado não só pela facilidade de acesso, mas com estratégias criativas que os envolvam no processo. No caso português, Mota (2009), na sua dissertação de mestrado, fornece um enquadramento do serviço de referência na Rede Nacional de Bibliotecas Públicas. Em Espanha, Merlo Vega desenvolve trabalho de investigação na Universidade de Salamanca, na área dos serviços de referência em ambientes digitais, e mostra que as bibliotecas devem ir ao encontro das necessidades dos utilizadores, adequando os serviços e a coleção, ou recursos, de acordo com a sua tipologia: Biblioteca Nacional, Bibliotecas Públicas, Bibliotecas Universitárias, Bibliotecas Escolares, ou ainda Bibliotecas Especializadas (Merlo Vega: 2000, 2008, 2009a, 2009b),

Devido à existência de uma enorme quantidade de informação disponível de forma dispersa no ciberespaço, o sítio da BE tem por missão organizar e colocar à disposição dos utilizadores recursos para dar resposta às possíveis necessidades, tanto informativas e formativas, como lúdicas. Desta forma, o professor bibliotecário contribui para a promoção de diversas literacias: da leitura, dos média e da informação (Conde et al., 2012). O serviço de informação e de referência deve adaptar-se também ao trabalho pedagógico da BE, nomeadamente o apoio ao currículo e à sua flexibilização.

6. Atualização da página da BE

Os dados apresentados nesta variável patenteiam favoravelmente o grau que a atualização da página sobre a BE faculta aos seus utilizadores. A maioria das escolas, independente da sua tipologia, exhibe valores positivos, mas realçamos que uma maioria esmagadora (83%) das escolas de tipologia básica e secundária atualizam as suas páginas, reforçando as exigências do seu público heterogêneo já com alguma maturidade tecnológica e informativa.

A informação sobre a atualização do sítio Web revela o dinamismo das páginas, mas também a proatividade da BE. Com esta variável constata-se que o conteúdo é modificado, ampliado, ou até corrigido. A atualização de um sítio Web de BE é essencial, porque mostra que a instituição educativa é um espaço vivo que se desenvolve a cada dia com novas atividades e projetos, recriando as suas necessidades de serviços de referência de apoio ao currículo, mas também os seus interesses muito mais alargados e envolvidos na sociedade. Este quadro da vida escolar deve estar espelhado na página da BE, organizado por ano letivo, claro na apresentação de atividades/projetos, acessível a partir da página inicial, em separadores claramente sinalizados. Contudo, segundo Valenza (2007), este procedimento não tem vindo a ser realizado de forma preocupada e sistemática por parte de quem gere a página Web das BE, representando mesmo uma das principais preocupações para quem acompanha de perto a vivência das BE.

7. Possibilidade de interação com os utilizadores

Os dados obtidos nesta variável permitem afirmar que a maioria das escolas, independentemente da sua tipologia, considera a interação dos utilizadores nas suas páginas Web das BE, embora seja menos significativo nas Escolas Básicas, pelo que reforçamos o fator "tipo de utilizador" nas



decisões das BE aquando da construção das suas páginas, neste caso específico mais jovem, com competências e saberes ainda a construir, diminuindo o seu desejo de se expor na Web.

A variável tem em conta que existem duas grandes famílias de sites Web no seio das BE: os sites Web estatísticos (Web 1.0) e os sites Web dinâmicos (Web 2.0) – por Web 2.0 entende-se uma Web colaborativa onde, contrariamente à Web 1.0, o internauta pode realmente ser ator e contribuir para a evolução do site. Os primeiros têm por principal objetivo apresentar uma informação (Sweve, 2010); são a vitrina de uma instituição, mas o utilizador não interage com eles. Os segundos são dinâmicos e interativos, integrando, em particular, as ferramentas Web 2.0. O paradigma da participação é um aspeto importante nas páginas Web das bibliotecas escolares. Este pode ser feito através do correio eletrónico da biblioteca, formulários de contacto ou aplicações Web 2.0, como por exemplo um mural. Algumas bibliotecas também interagem com os utilizadores através de redes sociais, como o Facebook. O professor bibliotecário tem à sua disposição ferramentas Web 2.0 que lhe permitem aumentar a interação com o utilizador. Assim, pode existir uma Wiki da Biblioteca, o Twitter, favoritos sociais colaborativos, ou ainda a interação com a biblioteca através de formulários de contacto ou de comentários. Nos sítios Web consultados constatou-se que a maioria das interações é possível por este último meio. Os canais de comunicação assíncronos e síncronos são ferramentas tecnológicas úteis para favorecer a participação dos utilizadores com a BE, para dar sugestões, ou solicitar aquisições, apresentar queixas, permitindo conhecer as opiniões dos utilizadores de forma a melhorar os serviços oferecidos. Para além dos meios já referidos, o utilizador pode ainda recorrer ao telefone e email da biblioteca. Maness (2006) aponta para uma biblioteca escolar 2.0 e identifica quatro características: a) centrada no utilizador, onde este participa na criação de conteúdos e serviços; b) disponibilização de uma experiência multimédia, tanto das coleções como dos serviços da biblioteca 2.0, contendo componentes vídeo e áudio; c) socialmente rica, pois interage com os utilizadores, quer de forma síncrona (mensagens instantâneas), quer de forma assíncrona (Wikis); d) inovadora ao serviço da comunidade, procurando constantemente a inovação e acompanhando as mudanças que ocorrem na comunidade, adaptando os seus serviços para permitir aos utilizadores procurar, encontrar e utilizar a informação.

Conclusões

"Memorization, comprehension, creativity, innovation, collaboration, production, dissemination, keys to the change of old practices into training youngsters who are able to think systematically given the challenges of an uncertain society, yet demanding in the world of globalization in the digital culture era."

(Quadros-Flores, Ramos & Escola, 2015)

De facto, as bibliotecas de hoje não são as mesmas de ontem! Graças à inclusão das TIC, são muito mais dinâmicas, mais diversificadas na abertura aos outros, mais próximas dos seus leitores, e hábeis na partilha de informação e de documentos. Assumem já novo modelo organizativo de espaço e de tempo que permite responder às necessidades dos seus utilizadores. Porém, a tecnologia tem sofrido modificações tão profundas que um olhar atento constata a mutação de tecnologias



transmissivas para interativas e a tendência dita as novas tecnologias colaborativas. Fala-se mesmo de uma Web 1.0, promotora de um acesso à informação fácil, de um para um, como refere Selwyn (2011), desenhando uma imagem de consumidor passivo numa relação unidirecional máquina/ utilizador. Privilegia o hipertexto pela facilidade de *zapping* textual, difundindo um mar aberto, flexível e sólido. A nossa investigação mostra que, apesar de todas as mudanças ocorridas no modo como as bibliotecas escolares se expõem ao mundo, estas, de um modo geral, encontram-se na passagem da primeira etapa para a segunda, de uma etapa de (re)organização e de adaptação às novas possibilidades geradas pelas TIC para uma de aquisição de competências e experimentação (Quadros-Flores, 2016). Nestas etapas, abrem-se ao mundo, mostram o que são e o que fazem, possibilitam hiperligações que estimulam a procura e alargamento da informação e o acesso a recursos, divulgam recursos da Web 2.0, mas ainda numa só direção, pois não são significativas as que impulsionam a interação da aprendizagem. Assim, enfocam ainda um modelo centrado no professor, neste caso bibliotecário responsável pela página ou blogue.

Note-se que, atualmente, vive-se a era da interatividade, da instantaneidade, da interconexão, da inovação, da digitalização, da diversidade. Uma era aberta ao global, a novos fluxos interdirecionais. Uma era que estimula a produção, a partilha, a colaboração e a confiança no outro, portanto, uma era que gera novos modos de viver a relação, de aceder ao conhecimento, de recriar a educação. Toca, assim, no processo, na criação, na transformação, na comunicação, pelo que impõe outros recursos que estimulem um modelo centrado no aluno, numa aprendizagem construída, motivada e significativa. As tecnologias são simplesmente recursos que só têm efeitos na motivação ou no desempenho quando contextualizadas e integradas: aluno/objetivos/estratégia/utilidade, sendo o professor um elemento-chave na criação metodológica do desafio. Este estudo mostra que existe uma correlação positiva entre a oferta da BE e o tipo de utilizador na construção da página Web da BE – ser um utilizador mais jovem, com menos maturidade e com interesses particulares da sua idade exige um tipo de Web da BE mais claro na apresentação, mais simples na navegação e informação, mas cativante nos recursos e envolvimento do aluno, porém, algumas BE de Escolas Básicas revelam ainda algumas carências no serviço de informação, no acesso ao catálogo, na facilidade de navegação e interação com os utilizadores. Ser um utilizador jovem, mas com mais idade, pressupõe ter desenvolvido competências e saberes que exibem interesses e necessidades diferentes – as Escolas Secundárias manifestam responder a atividades promotoras de leitura e materiais de apoio ao utilizador; as páginas das BE de escolas de tipologia mista são as que, de um modo geral, se apresentam mais conteúdos por responderem a um tipo de público mais heterogêneo, o que pressupõe interesses e necessidades diferentes.

Neste contexto, a fim de estimular uma nova fase na vida das BE, propõe-se a dinamização de desafios enquadrados em cenários significativos, pela disponibilidade nas páginas Web e Blogue de recursos interativos gratuitos, simples e apelativos, que permitam a programação, a produção de textos escritos e orais, a interação com o ebook, o desafio, o jogo, a partilha fácil e a gestão de redes sociais e comunidades de aprendizagem em ambiente seguro. Isto é, tornar o espaço da biblioteca escolar online num espaço construtivista, dando oportunidade ao utilizador de construir e partilhar. Certo que o sucesso não dependerá apenas dos leitores, mas sobretudo de dinamizador(es) que possam gerir as produções articulando temas, áreas curriculares, atividades, eventos e estimulando a interação e participação de alunos, de professores e restante comunidade educativa. Note-se que as exigências de uma sociedade do conhecimento, uma sociedade



digital, global, impõem mudanças nas organizações, nos modos de interatuar, no saber-fazer, saber-ser e estar. Por que razão os alunos não dinamizam a BE da sua escola?

A análise que realizámos das páginas das BE que visitámos permitiu conhecer a identidade da BE da escola e avaliar os *Webmasters*. Constatou-se que o *webmaster*/professor bibliotecário inclui na página da BE o que de melhor se faz. Realçamos que ao criar uma página Web de biblioteca é essencial um planeamento reflexivo sobre os objetivos das páginas e tipo de utilizador, sobre as potencialidades do recurso tecnológico a utilizar e as exigências técnicas do mesmo, assim como os conteúdos a incluir para cumprir o seu propósito e servir a comunidade educativa. Depois desta fase, o desafio apresenta-se na construção de uma estrutura atrativa e de fácil navegação. Uma das características mais básicas que qualquer boa página Web de biblioteca deve ter é informação geral sobre o serviço, horário, pessoal, funções, missão da BE e fotografias da biblioteca ou vídeos a 360° para melhor servir a comunidade educativa. Para além dessa informação, conexões para conteúdos e aplicações existentes na web são também desejáveis. A referenciação é outra particularidade que merece mais atenção por parte do professor bibliotecário. Esta pode estar relacionada com literacia da leitura e dos média (revistas, jornais nacionais e internacionais, dicionários online), por histórias/livros online – alguns têm características multimédia que os tornam mais atrativos para os alunos, ou outras, como por exemplo ferramentas de referenciação geográfica e ainda de segurança na *Internet*. O acesso ao catálogo online da BE e da Biblioteca Municipal/Nacional também é um recurso importante a ser considerado. Aproveitando as competências do professor bibliotecário é conveniente que a página Web deste serviço ofereça instrução em literacia da informação e que sirva de suporte às aprendizagens em diversas áreas curriculares e não curriculares, mas que também impulse a interação dos utilizadores e a construção e partilha do conhecimento, num ambiente construtivista como defende Kulthau (1999). Acresce que todos os recursos devem estar acessíveis através do catálogo online no site da biblioteca, o qual deve ser atualizado com regularidade.

Segundo o estudo de Cremades Garcia e Jiménez García (2013), a avaliação da página Web da BE deve seguir de perto critérios gerais de valorização dos sítios Web educativos, mas que tenha sempre em conta as especificidades ligadas aos objetivos, funções, serviços e atividades da BE, bem como a própria estrutura planificada de conteúdos por cada centro educativo a que dizem respeito, e também para cada Web em questão. As autoras defendem ainda que as oito dimensões por si exploradas nos modelos que propõem no seu artigo (adaptados no presente texto) possam servir de forma individual, ou mesmo articuladas com outras, como um guia prático a seguir profissionalmente pelos docentes que manuseiam quer a elaboração de uma nova página Web de BE, quer a avaliação e modificação de uma já existente.

Referências

- Alçada, I. (2005.). *Leitura, literacia e Bibliotecas escolas*. Revista Bimensal proForm@r (edição 9). Disponível em http://proformar.pt/revista/edicao_9/As%20Bibliotecas%20Escolares%20e%20o%20desenvolvimento%20da%20Literacia.pdf. Visitado em (22 de fevereiro de 2016).
- Beck, U. (1999). *O que é Globalização? Equívocos do globalismo respostas à globalização*. São Paulo: Editora Paz & Terra S. A.



Tecnologias da Informação em Educação

Indagatio Didactica, vol. 9 (4), dezembro 2017

ISSN: 1647-3582

- Conde, L., Mendinhos, I., Correia, P., & Martins, R. (Coords.) (2012). *Aprender com a biblioteca escolar: Referencial de aprendizagens associadas ao trabalho das bibliotecas escolares na Educação Pré-escolar e no Ensino Básico*. Lisboa: Rede de Bibliotecas Escolares. Disponível em: http://www.rbe.min-edu.pt/np4/np4/?newsId=1722&fileName=atividades_ref2016.pdf. Visitado em (4 de abril de 2017).
- Coronas, M. (2000). *La biblioteca escolar: un espacio para leer, escribir y aprender*. Pamplona: Departamento de Educación y Cultura del Gobierno de Navarra,.
- Cremades Garcia, R., Jiménez Garcia, M. C. (2013). "Propuestas de categorización para la evaluación de Webs escolares". In *Tejuelo*, (18), 24-39. Disponível em: <http://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4659277.pdf>. Visitado em (12 de abril de 2017).
- Kuhlthau, C. (1999). Accommodating the user's ISP: Challenges for information retrieval systems designers. *Bulletin of the American Society for Information Science*, 25(3), 1-7.
- Maia, M. A. (2006). A Biblioteca Escolar como pivot de um processo de ensino/aprendizagem construtivista suportado por tecnologias multimédia e distribuídas. Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto. Mestrado em Tecnologia Multimédia, perfil Educação. Disponível em: [https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/11539/2/Texto integral.pdf](https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/11539/2/Texto%20integral.pdf). Visitado em (17 de maio de 2017).
- Maness, J. M. (2006). Library 2.0 Theory: Web 2.0 and Its Implications for Libraries. *Webology*, 3(2), article 25. June. Disponível em: <http://www.webology.org/2006/v3n2/a25.html>. Visitado em (25 de maio de 2017).
- Merlo Vega, J. A. (2008). *La calidad de la información telemática: evaluación de servicios públicos de referencia digital*. Salamanca: Universidad de Salamanca. Tese de doutoramento. Disponível em: https://gredos.usal.es/jspui/bitstream/10366/18055/4/DBD_La_calidad_de_la_informacion_telematica.pdf. Visitado em (7 de junho de 2017).
- Merlo Vega, J. A. (2009a). *Información y referencia en entornos digitales: desarrollo de servicios bibliotecarios de consulta*. Murcia: Universidad de Murcia. ISBN 978-84-8371-918-3.
- Merlo Vega, J. A. (2009b). Referencia digital: concepto, tecnologías e implementación en centros de información. *El Profesional de la Información*, 18(6)589-599. Disponível em: URL:https://gredos.usal.es/jspui/bitstream/10366/70659/3/DBD_Referencia_digital.pdf. ISSN 1699-2407. Visitado em (26 de julho de 2017).
- Merlo Vega, J. A. (2000). El servicio bibliotecario de referencia. *Anales de Documentación*, 3,93-126. Disponível em: <http://revistas.um.es/analesdoc/article/view/2471>. ISSN 1697-7904. Visitado em (26 de julho de 2017).
- Mota, A. S. (2009). *O serviço de referência nas Bibliotecas Públicas em Portugal: caracterização actual e perspectivas de desenvolvimento*. Braga: Faculdade de Filosofia de Braga. Dissertação de mestrado em Informação e Documentação, apresentada à Universidade Católica Portuguesa.
- Quadros-Flores, P., Ramos, A., & Escola, J. (2015). *The Digital Textbook: Methodological and Didactic Challenges for Primary School*. In J. Rodríguez, E. Bruillard, & M. Horsley. *Digital Textbooks, What's New?* (pp. 275-295). Santiago de Compostela: USC/IARTEM. Disponível em <http://www.usc.es/libros/index.php/spic/catalog/book/759>. Visitado em (15 de maio de 2017).



Tecnologias da Informação em Educação

Indagatio Didactica, vol. 9 (4), dezembro 2017

ISSN: 1647-3582

- Quadros-Flores, P. (2016). *A Identidade Profissional Docente e as TIC: Estudos de Boas Práticas no 1º Ciclo do Ensino Básico na região do Porto*. Berlin: Novas Edições Acadêmicas. ISBN: 978-3-639-83846-6.
- Santos, N. (2010). A Rede de Bibliotecas Escolares do Porto como comunidade de prática e a identidade dos professores bibliotecários: um estudo de caso. *Tese de Doutoramento*. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Selwyn, N. (2011). Em defesa da diferença digital: uma abordagem crítica sobre os desafios curriculares da Web 2.0. Dias e Osório (Orgs). *Aprendizagem (In)Formal na Web Social* (pp. 35-62). Braga: Centro de Competências da Universidade do Minho.
- Sweve (2010). Création d'un site Web: impacts et conséquences pour les Centres de Documentation et d'Information scolaires. *Le cas du site Web du CDI des Francs Bourgeois*. Disponível em http://memic.ccsd.cnrs.fr/mem_00575104/document. Visitado em (17 de julho de 2017).
- Valenza, J. K. (2007). Discovering a descriptive taxonomy of attributes of exemplar school library websites. *Dissertation Prepared for the Degree of Doctor of Philosophy*. Denton. University of North Texas. Disponível em https://digital.library.unt.edu/ark:/67531/metadc3911/m2/1/high_res_d/dissertation.pdf. Visitado em (1 de setembro de 2017).